

É um lobo do mar: numa espelunca  
mora, à beira do Oceano, em rocha alpestre;  
ira-se a onda e, qual tigre silvestre,  
de mortos vegetais a praia junca.  
E ele, olhando como um velho mestre  
o revoltoso que não dorme nunca,  
recurva o dedo como garra adunca,  
sobre o cachimbo, único amor terrestre,  
e então assoma-lhe um sorriso amargo...  
É um rebelde também, cérebro largo,  
que odeia os reis e os padres excomunga.  
À noite, dorme sem rezar: que importa?  
Enorme cão fiel, guarda-lhe a porta  
o velho mar sotumo que resmunga.

\* Lúcio de Mendonça 1854-1909, O rebelde

Silêncio!... não turbeis na paz da morte,  
os manes que o Brasil quase esquecia!...  
É tarde!... eis que espedaça a lousa fria,  
de um vulto venerando o braço forte!  
Surgiu!... a majestade traz no porte,  
o astro da glória a frente lhe irradia...  
Oh! grande Andrada, adivinhaste o dia,  
vem juntar aos da pátria o teu transporte!  
Recua?! não se apressa a vir saudá-la,  
cobre a frente brilhante de heroísmo?  
E soluça...? o que tem?... Ei-lo que fala:  
"Oh! pátria, que eu salvei do despotismo!  
Só vejo a corrupção que te avassala,  
não te conheço!..." E se afundou no abismo!...

Felix Xavier da Cunha 1833-1865, 7 de Setembro

Obrei quanto o discurso me guiava,  
ouvias os sábios, quando errar temia;  
aos bons no gabinete o peito abria,  
na rua a todos como iguais honrava.  
Julgando os crimes, nunca voto dava  
mais duro ou pio do que a lei pedia;  
mas, podendo salvar o justo, ria,  
e, devendo punir ao réu, chorava.  
Não foram, Vila-Rica, os meus projetos  
meter em férreo cofre cópia de ouro,  
que chegue aos filhos e que passe aos netos:  
outras são as fortunas que me agouro;  
ganhei saudades, adquiri afetos,  
vou fazer destes bens melhor tesouro.

Gonzaga, Tomaz Antônio 1744-1807, Soneto

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 09 – 2011 SETEMBRO  
Assinatura até 31.12.12: 15 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.  
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haicu.sf.nom.br

en la mano del mozo el hilo duro:  
mas ¡guay del señorín!: el halcón sólo  
preñidó al zorral, que diestro se le escurre,  
por las alas postizas del labriego.  
¡Así, quien caza por la rima, aprende  
que en sus garras se escapa la poesía!

José Martí 1853-1895, [Cuantan que antaño...],  
Poessia Completa Tomo I  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

\* Lúcio Eugênio de Menezes e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça  
Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros, 2ª Edição, 1947: Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Criado por Deus, o rio  
nasce limpo e, como nós,  
traz consigo o desafio  
de limpo chegar à foz.

A. A. de Assis, 1104  
Trovas e Poemas  
rpacruche@gmail.com

Não deixes morrer na Vida  
a alegria que te alenta,  
a verdade redimida,  
a esperança que sustenta.

Eloísa Antunes Maaciel, 1107  
Binóculo  
jbatista@unifor.br

Essa mulher que me encanta  
não é uma mulher qualquer!  
Mesmo que não seja santa,  
mas, é uma santa mulher!

Francisco N. de Macedo, 1106  
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Riquezas eu não almejo,  
nem glórias e nem vaidade...  
Nesta vida eu só desejo  
ser bom, com simplicidade.

Newton Rossi, 1011  
Pantanal Poético, CP 112  
79300-970 – Corumbá, MS

Na praça, esperei a graça  
da neve vinda em novelos;  
não caiu neve na praça...  
mas caiu nos meus cabelos!

Zaé Júnior, 1103: A Voz  
da Poesia: Rua dos Bogaris 183  
04047-020 – São Paulo, SP

O berrante da tristeza  
repica abrindo o sertão  
e desperta a natureza  
que habita meu coração.

Ziney Santos Moreira, 1108  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Paz! Excelso sentimento  
vivificante de luz.  
É o oferecimento  
feito aos homens, por Jesus.

Como pregoeiro da paz,  
não pregues a paz a esmo.  
Procura ver se és capaz  
de ter paz contigo mesmo.

Quanta alegria nos traz  
e quanta bênção nos vem,  
do trabalho que se faz  
em favor da paz de alguém.

Que se sufoque a arrogância  
para o bem que satisfaz.  
A razão quer tolerância,  
tolerância pede paz.

Quando a luz do sol incide,  
tudo iluminado fica.  
Quando o amor não se divide,  
a paz não se multiplica.

É uma graça abarcante  
a Paz que do céu nos vem.  
Paz com Deus, com o semelhante  
e paz conosco também.

Miguel J. Malty, Trovas de Paz, 2010 – Contato: SQN 314 Bloco C, Ap 215, Asa Norte, CEP 70767-030, Brasília, DF

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.09.11, enviar até 3 haicus de quigos: Festa de Iemanjá, Natal, Reisado.

Até o dia 30.10.11, enviar até 3 haicus de quigos: Aguaceiro, Jacatirão, Traça.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



## QUIDAIIS DE PRIMAVERA – TEMAS DE PRIMAVERA

Coaxa a rã: croc...  
croc... croc... de repente,  
plim! pula no lago.  
Cecy Tupinambá Ulhôa

Com perfume intenso,  
a magnólia  
faz mais bela a noite.  
Elen de Novais Felix

Vasto Laranjal,  
sabiá canta feliz.  
Tarde romântica!  
João Batista Serra

Voando alto, azulão  
adentra num qual berço!  
Brisa vai soprando...  
Leonilda Hilgenberg Justus

Canto que encanta:  
bico batendo bigorna...  
araponga gonga!...  
Luís Koshitiro Tokutake

Sob o avião  
embelezada pipa  
ganha motor.  
Marcelino R. de Pontes

Flores enfeitando  
no Dia da Secretária  
metró apinhado.  
Yedda Ramos Maia Patrício



## HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Enrolado em fios,  
com um novelo, o gatinho  
brinca, bem arteio! C  
Amália Marie Gerda

Buganvília em flor!  
Emolduram a janela  
cachos coloridos... C  
Angela Guerra

Sete de Setembro!  
Passeando pelas ruas,  
o verde-amarelo. C  
Darly O. Barros

Foge do cesto  
um floquinho arrepiado  
gatinho. L  
Denise Cataldi

Sete de Setembro  
adolescentes desfilam  
orgulhosos. L  
Iracema Gomes

No terreno baldio  
buganvílias vermelhas.  
Jogo de futebol. L  
Marilena Budel

Garoto acompanha  
o desfile militar.  
Sete de Setembro. L  
Renata Paccola

No meio da praça,  
caíndo flores vermelhas.  
Pé de buganvília. B  
Analice Feitoza de Lima

Gatinho peludo  
puxa o fio do novelo...  
Quanta lâ no chão!... L  
Angela Guerra

Dando o ar da graça,  
buganvília cacheadada  
enfeita a varanda. I  
Darly O. Barros

Em cima do muro,  
o gatinho da vizinha  
mirando o canário. C  
Flávio Ferreira da Silva

Debaixo do carro,  
miados incessantes.  
Filhote de gato. I  
Manoel F. Menendez

Rufos de tambores  
acordam-me cedinho.  
Sete de Setembro. AB  
Marilena Budel

Sete de Setembro –  
trânsito congestionado  
na volta pra casa. L  
Renata Paccola

Incansavelmente,  
mãe mimando os seus filhotes.  
Inquietos gatinhos. L  
Analice Feitoza de Lima

Sete de Setembro.  
Na praça a banda festeja  
nossa Independência. C  
Argemira F. Marcondes

Tricô num cesto.  
Mamãe gata e seis gatinhos  
em meio aos novelos. L  
Darly O. Barros

Defronte do aquário,  
faminto gatinho vê  
possível jantar. L  
Flávio Ferreira da Silva

Clarins ao longe,  
vem chegando a parada.  
Sete de Setembro. L  
Manoel F. Menendez

No colo do pai,  
garoto agita bandeira.  
Sete de Setembro. A  
Neuza Pommer

Perto do fogão  
enrolado na cadeira  
dorme o gatinho! C  
Tereza Delong

Num canto da escola  
a bandeira desfaldada.  
Sete de Setembro. L  
Analice Feitoza de Lima

Em cima da mesa  
o gatinho friorento  
dorme enroladinho. L  
Argemira F. Marcondes

Crianças atentas  
aos passos na parada  
Sete de Setembro. L  
Denise Cataldi

Pequenino, gato  
mia, com olhos  
semiabertos. L  
Iracema Gomes

Buganvília.  
Sobre as folhas,  
cachos e cachos. L  
Manoel F. Menendez

Bombeiro subindo  
escada junto ao telhado.  
Gatinho miando. I  
Neuza Pommer

Sete de Setembro  
às margens do Ipiranga  
Brasil fica livre! L  
Tereza Delong

## CARTAS À TIA TÉIA

Larissa Lacerda Menendez, Gentileza de Ivanise Cordovani Marques

Conclusão do número anterior

Cuiabá, 17 de junho de 1997

Querida tia Téia:

Ufa, demorei mas escrevi! Faz tempo que eu venho tentando escrever esta carta.

É que aqui, querida tia, ao contrário de Calama, temos muitas coisas a fazer: estudar antropologia, pedagogia e pensar nos problemas específicos que iremos enfrentar nos projetos escolhidos.

Lembrei-me muito da senhora quando fui à 4ª festa internacional do Pantanal, aqui em Cuiabá. Várias pessoas se apresentaram no palco mostran-

do a cultura de determinadas regiões. Eu fiquei perplexa, pois não conhecia muitas coisas.

Vieram os índios Cayapó, do Xingu, todos lindos, coloridos, pintados usando seus colares e apresentaram suas danças rituais.

Vieram também as pessoas das pequenas cidades próximas com as suas danças típicas: o siriri, o cururu, ambos acompanhados pela “viola de côxo” que é um instrumento que eu não conhecia.

Tomei também meu primeiro suco de tamarindo, fruta que só conhecia pela música do Gilberto Gil “Abacateiro, sabes ao que estou me

referindo, ao que todo tamarindo tem”, chamada “Refazenda”.

Então, querida tia, irei trabalhar com o povo Paumari, no rio Tapauá, no Amazonas.

Imagine a senhora que pretendo alfabetizá-los e eles possuem língua própria. Ou seja: terei que aprender a falar o Paumari. Mas estou muito empolgada, acho que vai ser bem interessante.

Aqui em Cuiabá tem bastante jovens morando comigo: é um quintal bem grande onde ficam três casas: uma onde fica toda parte burocrática da Opan, outra onde ficam as pessoas que chegam dos projetos e outra para os estagiários

como eu.

Cada dia um tem que fazer o almoço. Nos revezamos também para limpeza da casa, etc. Que saudade da mamãe que deixava eu e a Lávnia na maior folga...

Mas já era tempo, né, tia, de começar a fazer as coisas!

E todos aí, como vão? E a tia Coca, como está? Mandei um beijo muito grande pra ela.

E um enorme para todos aí! Beijou Larissa PS: Meu endereço a partir do dia 3/07 é: Equipe Tapauá – Opan. Casa do Bispo 119, 69830-000 (CEP) – Lábrea-AM

Rio Tapauá – Amazonas  
Querida tia Téia:

Desta vez demorei mesmo para responder a sua carta! Também as perguntas que a senhora fez, para serem respondidas completamente, seriam assunto para um doutorado, mestrado. São perguntas que exigem respostas complexas, dignas e vindas de um cérebro muito pensante.

Vou-me ater à reposta de uma delas, que ficou em minha memória e também me preocupa muito. É a questão do trabalho com os índios: será que eles não estariam melhor sem a nossa interferência?

Realmente, querida tia, é difícil dimensionar a repercussão dos nossos atos nesse tipo de trabalho. Os missionários, dotados das melhores intenções, fizeram horrores com estes povos, e, como mostra a história, colaboraram, ainda que sem esta intenção, para a destruição dos mesmos.

Não penso no trabalho indigenista como algo solidário ou “cristão”. Seria muita pretensão pensar que essa atividade, executada por poucas pessoas, ainda leigas, em etapa de experimentação, poderia deter o rumo da globalização ou do neoliberalismo.

Penso que é um trabalho onde posso criar, evoluir intelectual e humanamente, pois exige o conhecimento de várias áreas. Não temos chefe e somos responsáveis pela elaboração da nossa própria rotina. Eu, particularmente, não suportaria um trabalho chato, que não me desse prazer nenhum.

Mas, enfim, considero-me muito feliz de poder estar vendo tanta coisa linda e estas pessoas que restaram do que um dia foi a nação Paumari. Me entristece demais pensar que brevemente tudo isto irá acabar.

Sabe, tia, hoje tenho vergonha de ser branca e pensar no que “os brancos” fizeram com os índios e os negros. Isto sim é ser selvagem. Claro que aprendemos tudo isso na escola, mas quando chegamos aqui e constatamos, ouvindo dos índios “sobreviventes” uma narrativa humilde, envergonhada até, de tudo que foi feito... Quando percebemos que eles têm vergonha de falar a própria língua, aqui pejorativamente chamada “gíria”, realmente dá vergonha de ser branco.

Acredito que tenho muito a aprender com eles e com a Amazônia. Tia, quando o barco entra

pelos rios; água, árvores e pássaros para todo lado; dá a impressão de que estamos entrando dentro de um ser, tamanha a grandiosidade da Amazônia.

Mas, poesia e idealizações à parte, os índios são lindos e chatos, como qualquer pessoa.

Deram-me o nome de Canarauá, que na língua Paumari quer dizer manguari.

A comida, farinha quebra dente e caldo de peixe fresco, pescado no dia, é deliciosa. Estou engordando. Claro que no barco levamos farinha, fermento e comemos pão, afinal, ninguém é de ferro.

No mais, muita saudade do cinema, do vídeo, da pizza, do Mc Donald's, do Centro Cultural, do Parque do Ibirapuera, do Centro, da av. Paulista, enfim, dessa cidade maluca que é São Paulo.

Quanto às pessoas, tia, muita saudade, principalmente do Toquinho, que é quase gente e foi adotado por meus pais.

É a senhora, como está? Espero que esteja bem e todos daí também. No Natal nos veremos!!! Aí te mostrarei as fotos. Desta vez em branco e preto.

Mande um beijo enorme para tia Coca e diga que tenho muita saudade. E Paula, Thomas, como estão? E tia Gina, tia Maria? Notícias via Telesp?

Tia, não leve muito a sério tudo que escrevo, afinal, como diriam os linguistas, são recursos de linguagem.

Um grande beijo para todos daí e um especial para a senhora.

Da sua sobrinha que a admira muito Larissa

Lábrea, 20 de outubro de 1997

Querida tia Téia:

Como pode ver, cheguei à Lábrea antes da data prevista, pois estávamos entre os Paumari só de voadeira (que é uma espécie de canoa com motor) e o barco que nos ia ser mandado quebrou. Acharos então que seria perigoso ficar em área assim, pois se ficássemos doentes não teríamos como voltar imediatamente.

Ao chegar recebi logo sua carta e fiquei muito feliz. A senhora escreveu que não ia me incomodar com seus grilos existenciais: poxa, mas das pessoas com as quais me correspondo a senhora é a única que me ajuda a refletir. Pode mandar, por favor, mas um de cada vez!

Tia, faltam poucos dias pra eu ir pra São

Paulo, e estou muito ansiosa. Sabe, acho que ficar assim longe de tudo ajuda muito a dar valor às coisas e às pessoas. Tenho atualmente pensado muito sobre isso: tem sido duro, por um lado, mas por outro acho que esta experiência tem sido boa para mim como ser humano. Aprendi muita coisa, e tive oportunidade também de conhecer um lado simples e doce da vida que acho que a cidade não permite.

Para o ano que vem eu pretendo continuar em Lábrea, mas trabalhando com outro povo, não os Paumari. É porque os Paumari têm muitos anos de “contato” com os brancos e também são crenças, além de possuírem uma organização social praticamente igual à nossa. E o meu motivo inicial de ter desejado trabalhar com “povos indígenas” era o de conhecer uma sociedade não-capitalista, sem moeda, entende? E agora que já passei algum tempo me adaptando à região, sinto que já posso pensar em conhecer um povo mais “isolado”. Mas não tenho certeza se isso irá acontecer – não depende só de mim.

Tia, fico feliz de saber que conquistei a admiração aí na sua casa. Também acho que os jovens têm desperdiçado sua vitalidade numa vida fútil – mas é o que a sociedade tem oferecido – em alguns países, o jovem, ao sair da universidade pública, serve dois anos ao Estado num serviço social na região que escolher – se isso existisse no Brasil acho que os jovens despertariam. Também temos que pensar que nosso país acabou de sair da repressão – e os jovens que não haviam se calado... foram calados... e a senhora já reparou que até hoje ninguém (a imprensa) consegue falar à vontade do assunto?

Eu fico triste, tia, quando penso que tanta gente morreu na ditadura e hoje as pessoas parecem tão alienadas! E a cada geração que nasce, parece que fica pior.

Mas chega de tanta tristeza. Vou te contar uma piada.

Estavam reunidos a ministra da Inglaterra, Margareth Thatcher (não sei como escreve), Fidel Castro e Ulysses Guimarães. Ela estava com um decote, olhou para dentro da blusa e disse: “essas são as maravilhas da Inglaterra, ninguém pode olhar”. Então Fidel abaixou as calças e disse: “Essa é Cuba, ninguém pode entrar” (mostrando a bunda). Então Ulysses abriu o zíper, mostrou e balançou o saco,

dizendo: “Esse aqui é o Brasil, ninguém levanta!”.

Espero que a senhora tenha rido muito!

Um grande beijo Larissa  
PS: Beijos p/tia Coca

Lábrea, 4 de abril de 1998

Queridas tias Téia e Coca:

Aqui estou eu de novo no Amazonas, ainda semi-alfabetizada nessa cultura tão peculiar. Sim, tia, a cada dia que passa percebo como eles são diferentes e autênticos.

Neste ano vou iniciar o trabalho de alfabetização com os Paumari dos rios Tapauá e Cuiatú. É um desafio bem grande para mim, mas tenho certeza que será gratificante.

O tempo passou muito depressa e eu fiquei um pouco triste ao perceber que existem muitos interesses ocultos por trás da questão indígena, mas também sei que o meu interesse não é oculto e é muito sincero. Viajo dia treze de abril e volto dia vinte de maio. Então terei muita coisa pra contar. Estou com muito medo, mas sei que vou conseguir. Aproveite também para desejar uma Feliz Páscoa. Beijos para todos e um especial de aniversário (atrasado) para tia Gina. Larissa

Lábrea, 18 de outubro de 1998

Querida tia Téia:

Te escrevo depois deste tempo todo, já com muita saudade da minha querida Sampa.

Espero encontrar vocês com muita saúde e alegria. Nem preciso dizer que quero dar um grande abraço nas tias e contar pessoalmente as aventuras por aqui.

Gostaria que, se fosse possível, vocês me presentassem com uma daquelas fotos onde a tia Coca estava cheia de cachos no cabelo e a senhora junto.

Amo muito vocês. Beijos. Larissa

Brasil Sanches Fernandez 1919-1993

Coca, Maria da Conceição Fernandez 1925-

Gina, Georgina Léio 1911-2011

Larissa 1975-

Lávia 1974-

Maria Fernandez 1910-2000

Paula Fernandez (meta da Ioioca) 1973-

Téia, Belckiss Cordovani Marques 1927-2011

Thomas (bisneto da Ioioca) 1991-

Toquinho, gato †2008

Impresso (18.10.98): Difficulty is the nurse of greatness. (A dificuldade é a governanta da grandeza.)

He who brags most usually does least. (Quem mais se gaba, geralmente menos faz.)

## G O G A E H A I C A I : U M S O N H O B R A S I L E I R O

Teruko Oda – organizadora, 2011, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Rua Maestro Callia 123, 04012-100 – São Paulo, SP, fone (11) 5904-4499: www.escrituras.com.br

<b>PRIMA VERA</b>	Jardim Botânico – planando árvore abaixo flor de jacarandá. Benedita Silva de Azevedo	Da terra molhada surgem suculentos brotos... É tempo de aspargos. Carol Ribeiro	Recepção agitada – marimbondos sobrevoam a entrada da casa. Débora Tavares	Manhã de primavera – lavando roupa no tanque minha mãe canta... Douglas E. Brotto/Guin Ga	Um agito de asas... Na penumbra entre folhas pássaros em amor. Hazel de São Francisco	Toalhas em punho grande algararra na sala – pega o marimbondo! Lourdes Fátima Basílio	Miado charmoso chega do alto do muro – gato enamorado! Luci Tiho Ikari
<b>VERÃO</b>	Tarde na pousada. Reconhecendo a região, banho de cascata. Alberto Murata 1935-2011	Ao lado do templo um alfeineiro florido – vizinhos contemplam. Benedita Silva de Azevedo	Chuva de verão. Gotas de cristal luzindo aos raios do sol. Delores Pires	Tarde de verão – o carroceiro se arrasta na rua deserta. Edson Kenji Iura	Um bater de asas – a pequena mariposa no vidro da sala. Monica Martinez	Mormaço da tarde – cachorro dorme estendido na sombra da casa. Tânia D'Orfani	Céu alto e sem nuvens – o cheiro do mato que seca após a capina. Teruko Oda
<b>OUTO NO</b>	Manhã de maio – deixo um pouco mais ao sol a gaiola do canário. Douglas Eden Brotto/Guin Ga	Onibus chegando e as pessoas indecisas forte cerração. Eunice Arruda	Com braços abertos Saída o ladrão de abóboras – o velho espantalho Francisco Handa	Petalas orvalhadas. A flor brilha mais aos raios do sol. Kazue Yamada F. Santos	Flor de orquídea – caída sobre o cacto ainda tão viva! M <sup>ª</sup> Fátima Araújo Vieira	A porta se abre – penetra por toda a casa frio leve de outono. Rose Belotto Placoná	Passeio no parque – as crianças comemoram foto do esquilo. Tânia Alves da Costa
<b>INVERNO</b>	Um desfecho insólito. Ao fim da festa junina, padre e noiva juntos. Alberto Murata 1935-2011	Solidão na noite. Junta seus cobertores morador de rua. Hazel de São Francisco	Baía agitada... Sibila na madrugada vento minuano. Irene Massumi Fuke	Olhar desolado no retorno da viagem – o jardim seco. João Toli	Manhã de inverno – do entregador de jornais só se veem os olhos... Monica Martinez	Córrego de inverno – agora posso contar as pedras do fundo. Neide Portugal	A garoa cai. Cintilam poças na rua à luz dos faróis. Zuleika dos Reis

## L U A R D E A B R I L

Sérgio Francisco Pichorin/Matsuki, 2011, Araucária Cultural – Site do autor: <http://pessoal.utfpr.edu.br/pichorin/h/a/i/k/a/i/>

<b>P</b>	Conversa amistosa em frente ao portão da casa. Luar de primavera.	Pétalas ao chão. Mesmo uma suave brisa leva-as para longe.	Um doce aroma se espalha pela manhã. Ar de primavera.	Levado no colo como se fosse um neném. Filhote de gato.	Repletos de verde os bosques de Irati. Eis a primavera.	A tarde se alonga. Um carancho solitário sobre o mourão.	Lua enevoadá. A TV está ligada mas ninguém a assiste.
<b>V</b>	Um frescor no rosto. Pela janela os pingos da chuva de verão.	Estronda o trovão... A menina assustada nos braços do pai.	Amanhecer... O sol fez mudar as cores do botão de rosa.	Preguiçosamente vai começando o ano. Mormaço da tarde.	Plum... plum... plum... Caem no ofurô os frutos da figueira.	Clareia a noite. Um... dois... três... quatro e eis o trovão.	O cair da noite. Junto à conversa dos amigos cantos de cigarras.
<b>O</b>	O céu estrelado. A lua cheia mergulha na sombra da terra.	Ao dobrar a esquina, uma paineira florida no meio da praça.	Céu cor de rubi no entardecer de abril. A primeira estrela.	Seguindo a trilha... As quaresmeiras floridas. de ambos os lados.	Caídos no chão de graça para quem passa. Tempo de pinhão.	Praia deserta... O mar de outono e o céu quase se confundem.	Vento de outono. Por todo o Brasil os haicais do Goga.
<b>I</b>	A noite mais longa... Em uma casa distante late um cachorro.	Geadá no campo. O casal de quero-queros permanece imóvel.	Dias de chuva. Se acumulam na calçada as folhas secas.	Colheita de aipim. As galinhas ao redor comem as minhocas.	Canção de ninar. A chuva que vai e vem sobre o meu telhado.	Um homem idoso passeia com seu cãozinho. Início de inverno.	Tudo em volta é uma paisagem sem cor. Tarde de inverno.